

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

257

INSCRIÇÕES 868-871



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2024

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



868-870

TIJOLOS DE COLUNA COM MARCA DE
OLEIRO DESCOBERTOS NO ARQUEOSSÍTIO
DE OURESSA, EIRAS, COIMBRA
(*ciuitas Aeminiensium, conuentus Scallabitanus,*
prouincia Lusitania)

O sítio arqueológico romano de Ouressa, localizado a cerca de 9 km a norte de Coimbra e outrora dentro dos limites da *ciuitas* de *Aeminium*, situa-se na margem esquerda do ribeiro de S. Paulo, numa vertente voltada a sul, em frente à povoação de Eiras, atualmente inserida na União das Freguesias de Eiras e S. Paulo de Frades, no município de Coimbra.

Encontra-se referenciado desde finais da década de 30 do século transato, tendo, então, chamado a atenção a presença de abundantes materiais cerâmicos romanos (*tegulae*, *imbrices*, tijolos e vasos grossos) que se interpretaram como possíveis vestígios de uma *uilla*¹. Esta interpretação é fortalecida por outros achados arqueológicos realizados nas décadas posteriores, aquando das terraplanagens do pomar da escola e das obras do edifício, bem como da realização de fundações para algumas

¹ V. Correia, Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra, *Biblos*, 16:1, 1940, pp. 124-125, referindo uma mancha de dispersão com mais de 3000 m² de materiais cerâmicos romanos, de construção e domésticos, ainda que não louça fina. Também J. Alarcão, *Roman Portugal*, vol. II, fasc. 2, Warminster, 1988, p. 94, 3/98.

casas de habitação, notadamente fragmentos de cerâmica (de construção e de uso doméstico, incluindo de importação) e de cantaria lavrada (constando uma base de coluna), moedas e escória².

Durante trabalhos de prospeção arqueológica efetuados em 2004, com vista a preparar sondagem arqueológica realizada, no mesmo ano, no âmbito de uma empreitada rodoviária de construção da Variante a Eiras, foram identificados, entre outros materiais, diversos tijolos de coluna, dos quais três com marca de produção oleira. Uma delas apresenta-se bem nítida, mas, apesar disso, o facto de a mesma não oferecer uma leitura instantânea, ao desenvolver-se num nexó complexo, ditou o adiamento do seu estudo e que a publicação apenas aconteça no presente momento. Este tipo de tijolo é comumente usado para a edificação de colunas a revestir com argamassa e com aplicação vária no âmbito da arquitetura romana³. Os exemplares em causa correspondem a tijolos de sextante. Apresentam, todavia, algumas dissimilaridades, por exemplo em termos de altura e pasta.

Os trabalhos de escavação que vieram a ser concretizados naquele mesmo ano, em contexto de acompanhamento de obra por uma equipa da Câmara Municipal de Coimbra⁴, tendo por objetivo avaliar o potencial arqueológico do sítio, apenas identificaram materiais arqueológicos dissociados de estruturas,

² J. Pinho, *Freguesia de Eiras: a sua história (do séc. décimo ao séc. XXI)*, Coimbra, 2008, pp. 72-73.

³ J.-P. Adam, *La construction romaine*, Paris, 1984, pp. 168-169; G. Brodrigg, *Roman Brick and Tile*, Loucestershire, 1987, pp. 54-56; A. Bouet, *Les matériaux de construction en terre cuite dans les thermes de la Gaule Narbonnaise*, Bordeaux, 1999, p. 162. J. Ribeiro, *Arquitetura Romana em Bracara Augusta: uma análise das técnicas edilícias*, Porto, 2013, p. 105; J.-F. Nauleau, Les matériaux de construction en terre cuite d'époque romaine dans l'ouest des Pays de la Loire: premier bilan, *Revue Archéologique de l'Ouest*, 30, 2013, pp. 233-359.

⁴ A. Gervásio, R. Santos, *Ouressa, Eiras: sondagem arqueológica (relatório final)*, Coimbra, 2006 (relatório policopiado do Gabinete Arqueologia Arte e História da Câmara Municipal de Coimbra).

apontando um espectro cronológico amplo, situado entre o século I e século III d.C.

As três peças que ora se publicam encontram-se atualmente em depósito na Câmara Municipal de Coimbra, à guarda do Gabinete de Arqueologia⁵.

868

Tijolo de sextante com marca completa que se conserva praticamente intacto, mas com a parte do vértice incompletamente preservada, mostrando a aresta esmurrada e lascaduras invasivas, tanto na face superior, como na inferior, afetando assim também as duas verticais e convergentes. A pasta, de cor alaranjada (Munsell HUE 5YR 7/8), apresenta elementos não-plásticos de grande calibre juntamente com outros diminutos. A marca surge na superfície exterior curva e vertical da peça, paralela a ambas as arestas, das quais está distanciada cerca de 1 cm. Esta face, para além de se encontrar lascada, apresenta também um pequeno buraco resultante da perda de elemento não-plástico mineral à direita da marca e alguns vincos pronunciados entre as letras, aparentemente resultantes da supressão de outros elementos não-plásticos orgânicos.

Trata-se de uma marca relevada (*litterae extantibus*) obtida *ante cocturam* pela utilização de uma matriz volante a que se acomodou a superfície ainda branda do barro. Essa matriz com as letras incisas deve ter-se adaptado ao molde ou caixa que serviu para dar forma à peça, uma vez que a marca não de encontra enquadrada no interior de cartela, nem é visível qualquer delimitação própria do uso de *signaculum*. As dimensões máximas da peça são 15,5 x [12,4] x 8,5 cm e a marca inscreve-se numa área não formalizada de 5,5 x 8,7 cm. O texto epigráfico,

⁵ Os autores expressam publicamente o seu agradecimento à Câmara Municipal de Coimbra pelas facilidades concedidas no estudo das peças, bem como pela colaboração de Marcos Osório e de Miguel Munhós.

que se afigura completo, é o seguinte:

ANTĒS(*tiae uel -i?*).

De Antéstia *uel* de Antéstio (?).

Altura das letras: 5,5/5,8.

A inscrição encontra-se estampada na face vertical em arco de círculo da peça e, apesar de completa, não se encontra íntegra pela perda da extremidade inferior da haste que inicia o nexo quádruplo devido a fragmentação do tijolo. A superfície apresenta algumas lascadelas que não afetam a marca, cujo relevo acaba por ser bastante ténue. Inicia-se com um nexo que junta as letras ANTE seguindo-se um S. Os caracteres capitais são tendencialmente alongados e tanto as barras das letras ligadas como as extremidades do S mostram alargamentos a modo de serifas. O A exibe a haste esquerda prolongada acima do encontro com a direita e travessão. As barras associadas ao T e E são curtas.

Esta marca de produção oleira corresponde à abreviatura de um antropónimo que identificará alguém associado ao processo produtivo, verosimilmente o produtor. A abreviatura, tal qual se apresenta, poderia desdobrar-se com base num *nomen gentilicium* romano como *Antesius*⁶, o qual não possui paralelos conhecidos na Península Ibérica, mas parece documentar-se uma única vez na cidade de Capo Carbonara, localizada na Sardenha, em grafito correspondente a marca de posse: *P(ublius) Antesi(us) / Triplus*⁷.

Nada obsta, porém, a que a abreviatura se possa relacionar com o nome *Antestius/-a*, com abundante documentação no mundo romano e inclusive na *Hispania*, onde se regista, quer

⁶ H. Solin e O. Salomies, *Repertorium nominorum gentilium et cognominum Latinorum*, Olms, 1988, p. 17.

⁷ *CIL* I, 3588.

como *nomen gentilicium*, quer como *cognomen*⁸. No contexto hispânico a sua ocorrência é mais lata na *Hispania citerior*⁹ do que na *Baetica*¹⁰. Na *Lusitania*, tem expressão igualmente limitada. Mas é de ressaltar comprovar-se na função de cognome em inscrição da vizinha *ciuitas* de *Conimbriga*, conforme ilustra altar votivo oferecido *pro salute Auiliae [An]testiae* recentemente identificado em Podentes, no município de Penela¹¹.

Considerando a participação de mulheres nesta atividade artesanal da produção cerâmica¹², não vemos como impossível a

⁸ H. Solin e O. Salomies, *Repertorium nominorum gentilium et cognominum Latinorum*, Olms, 1988, p. 17. Sirva de paralelo a um desenvolvimento da abreviatura mais extenso o caso do selo MAE / P ATES, com a variante MAE / P ATIS das produções norte-italicas de copos asados (*Consp.* 38), interpretado como correspondente às produções de *Ma*, escrava de um *P. Atesius/Atisius* ou *Atestius/Atistius* (cf. C. Corti, Il bollo MAE/PATES su coppe *Consp.* 38 di produzione nord-italica, *Instrumentum*, 42, 2015, pp. 17-19).

⁹ Elx (*HEp* 1989, 52 = *HEp* 1999, 31); Navalcaballo (*CIL* II 2840); Oncala (*AE* 2001, 1226 = *AE* 2019, +3); Palma (*CIL* II 3672 = *CIBalear* 92 = *HEp* 2013, 63), Palma (*CIL* II 3673 = *CIBalear* 90); Palma (*CIL* II 3674 = *CIBalear* 80); Peñalba del Castro (*AE* 1988, 782); San Pedro Manrique (*HEp* 1995, 752); Santanyi (*CIBalear* 88); Valdeosera (*HEp* 1989, 518); Valloria (*AE* 1990, 566 = *AE* 2001, +1222), Villanane (*CIL* II 2922), Villar del Rio (*AE* 2001, 1224), Villaverde de Liebana (*AE* 1917-1918, 7 = *AE* 1995, 888), Vizmanos (*AE* 1990, 569 = *AE* 2001, +1222). Os registos de Palma correspondem a identificações uninominais e os restantes à função de *nomen*.

¹⁰ Córdoba (*CIL* II²/7, 407); Ecija (*CIL* II 5454 = *CIL* II²/5, 1194); Mengibar (*AE* 1993, 1008 = *AE* 1995, 770 = *AE* 1999, 894 = *AE* 2010, +108); Olivenza (*CIL* II 1023); San Roque (*HEp* 2006, 128). Este último registo documenta o nome na função cognominal, sendo os restantes *nomina gentilicia*.

¹¹ S. Vicente e A. Redentor, Ácula romana de Dragos, Podentes, Penela (*Conimbriga, conuentus Scallabitanus, provincia Lusitania*), *Ficheiro Epigráfico*, 228, 2022, n° 797. Os exemplos correspondentes a *nomina gentilicia* documentados na Lusitânia são os seguintes: *Antestia Anuis Antestiae liberta*, *Norba* (*HEp* 2003-2004, 217); *L. Antestius Celer, Turgalius* (*AE* 1993, 979); *Antestia Q. l. Iucunda, Augusta Emerita* (*CIL* II 599); *L. Antestius Persicus Papirie Emeriten(sis)*, que foi duúnviro e pontífice perpétuo, e *Antestius Auitianus* (filho do primeiro), *Augusta Emerita* (*AE* 1952, 117).

¹² Apesar da maior importância do elemento masculino, a mulher teve também um papel ativo na produção cerâmica, como exemplifica o caso da *terra*

relação desta marca oleira com a personagem feminina associada à *uilla* de Dragos daquela freguesia, ainda que, apesar de sugestiva, não seja por ora caucionável, esperando-se que outros achados desta marca possam lançar luz sobre esta produção local.

869

Tijolo de sextante com marca na face curva e vertical. Apresenta pasta alaranjada (Munsell HUE 5YR 7/8), com elementos não-plásticos diminutos combinados com outros de maior calibre. A face com as letras relevadas apresenta danos na extremidade esquerda que não afetam a inscrição e um golpe na área da marca, mas esta não se apresenta aí nítida. Todavia, é possível pô-la em paralelo com a marca presente na peça antecedente.

A face anterior e a lateral esquerda revelam degradação acentuada. As dimensões máximas da peça são 14,5 x 13 x 8,4 cm e a marca inscreve-se numa área não formalizada de 5,5 x 8,4 cm. O texto epigráfico é o seguinte:

ANTĒS(*tiae uel -i?*).

De Antéstia *uel* de Antéstio (?).

Altura das letras: 5,7.

O nexu ANTE encontra-se impercetível na parte inferior, mas identifica-se com clareza a haste esquerda do A e sua metade superior, sobretudo os seus limites externos, uma vez que a parte interna às hastes se apresenta cheia, não sendo discernível o travessão. É também perfeitamente identificável a barra que junta o T com o E, havendo indício da barra intermédia deste.

sigillata ao nível das oficinas individuais (G. Fülle, *The Organization of Mass Production of Terra Sigillata in the Roman Empire: Problems of Evidence and Interpretation*, Oxford, 2000, p. 14).

Distingue-se integralmente o contorno do S, ainda que esteja muito tenuemente marcado ao ponto de ser quase impercetível à primeira vista, aspeto que é diretamente resultante de uma fixação original menos vincada. As características técnicas e paleográficas são as mesmas que estão presentes na peça anterior, independentemente da sua maior ou menor evidência.

870

Tijolo de sextante com marca incompletamente conservada na face curva e vertical. É de pasta róseo-alaranjada (Munsell HUE 5YR 6/8), com menos elementos não-plásticos maiores relativamente aos anteriores, sendo também e ligeiramente menos alto que eles. Apresenta degradação na parte direita, afetando a face marcada, tal como a superior e a inferior nesse lado. A marca epigráfica encontra-se reduzida à parte inicial do nexu ANTE. As dimensões máximas conservadas são 15,2 x [14] x 7 cm e a marca pode inscrever-se numa área não formalizada de 5,5 x [6,2] cm, tendo em conta a incompletude da mesma:

ANTE[S](*tiae uel* -i?).

De Antéstia *uel* de Antéstio (?).

Altura das letras: 5,5.

O relevo da primeira letra encontra-se mais definido na parte superior, apenas se intuindo o travessão, uma vez que abaixo, se encontra preenchido o espaço entre hastes. Unida à haste direita do A, percebe-se, bem nítida, a haste vertical comum ao T e ao E, tal como a barra intermédia que se lhe junta pelo lado direito; tanto a barra inferior como a superior não são observáveis devido a degradação da superfície cerâmica, aspeto que influiu também no desaparecimento do S, conjuntamente com os danos apontados para a extremidade direita desta face em arco de círculo.

Em termos de características técnicas e paleográficas, regula

pelas das peças anteriores, semelhança bem notória no A.

As marcas em relevo derivadas de moldação reproduzem geralmente a inscrição de modo semelhante, como se perceciona nestes casos, ainda que apenas um permita a avaliação integral da mesma e existam diferenças claras nos resultados gerados pela matriz. É aspeto muito dependente das características da pasta cerâmica (granulometria, plasticidade, etc.) bem como da sua compactação no molde e inclusive do grau de limpeza da matriz em cada utilização. Esta questão afigura-se bem visível relativamente ao primeiro carácter, em que se verifica poder ocorrer o preenchimento ocasional de espaços entre hastes. Não havendo muita informação quanto à técnica de produção, os espécimes ora apresentados permitem pensar na utilização de um molde redondo¹³, no interior do qual se encaixaria uma matriz volante igualmente circular com os caracteres alfabéticos incisos (numa posição ou possivelmente em várias), ainda que seccionada, eventualmente a meio, para que pudesse ser retirada sem causar dano à marca produzida. Proceder-se-ia depois à divisão em sextantes, possivelmente com auxílio de um fio de corte, com um mínimo rigor.

Fazendo a epigrafia associada a este tipo de marcas referência ao processo de produção, o facto de estarmos perante um nexu complexo induz-nos a pensar preferencialmente no produtor, enquanto manifestação de identidade¹⁴. Os registos ora apresentados apontam para uma tijolaria até agora desconhecida no contexto dos territórios de *Aeminium* e de *Conimbriga*. Efetivamente, nesta última *ciuitas* estão documentadas algumas marcas em tijolos, mas nenhuma corresponde à agora apresentada. No respeitante especificamente a tijolos de coluna, está identificada a produção de um *Primus*, com a marca em

¹³ Sobre a utilização deste tipo de molde para tijolos de coluna circulares, bem como posterior divisão em frações semicirculares ou menores, cf. G. Brodrribb, *Roman Brick and Tile*, Loucestershire, 1987, p. 55.

¹⁴ G. Brodrribb, *Roman Brick and Tile*, Loucestershire, 1987, p. 117.

relevo na face arredondada¹⁵; há outras peças com grafitos *ante cocturam* que identificam produtores diferentes, como *Maelo*¹⁶, possivelmente *Aper*¹⁷ e *G/Caletus*¹⁸. Entre as restantes marcas e grafitos associados à produção cerâmica local também não consta a que ora se apresenta. Muito próximo de Ouressa, em Vilela, no arqueossítio denominado Antigo, também no *territorium* de *Aeminium*, documentou-se marca referente a um *Fronto* num peso de tear, com paralelos em *Conimbriga*¹⁹.

Não existem, por ora, dados para propor uma cronologia para os três tijolos analisados para além dos referentes à paleografia. A ocupação da *uilla* parece acontecer entre os séculos I e III e será, assim, conforme à integração dos tijolos no Alto Império, os quais, de acordo com os aspetos paleográficos evidenciados, poderão ser datáveis do século II.

ARMANDO REDENTOR*

RAQUEL SANTOS**

YASMIN PUGA***

¹⁵ R. Étienne, G. Fabre, P. Lévêque, M. Lévêque, *Fouilles de Conimbriga, II: Épigraphe et sculpture*, Paris, 1976 = *Fouilles II*, 296.

¹⁶ *Fouilles II*, 358a e 358b.

¹⁷ *Fouilles II*, 360.

¹⁸ *Fouilles II*, 361a, 361b e 361c.

¹⁹ R. Santos, Marca em peso de tear, em *Aeminium (conuentus Scallabitanus)*, *Ficheiro Epigráfico*, 91, 2011, n.º 411.

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) / Centro de Estudos Interdisciplinares - UC (CEIS20).

** Arqueóloga da Câmara Municipal de Coimbra.

*** Mestranda em Arqueologia e Território na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC).

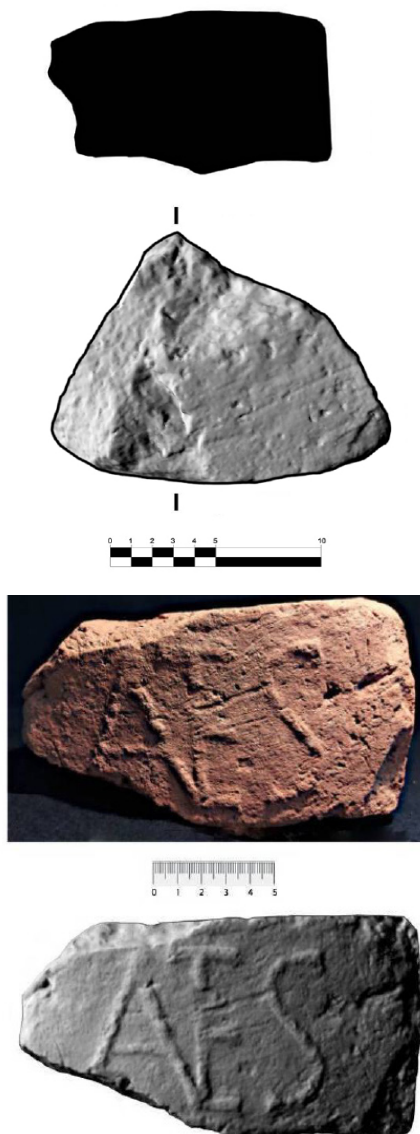


FIG. 1 - Tijolo de coluna de Ouressa: corte, face superior e marca
(fotogrametria: M. Osório; fotografia: M. Munhós).

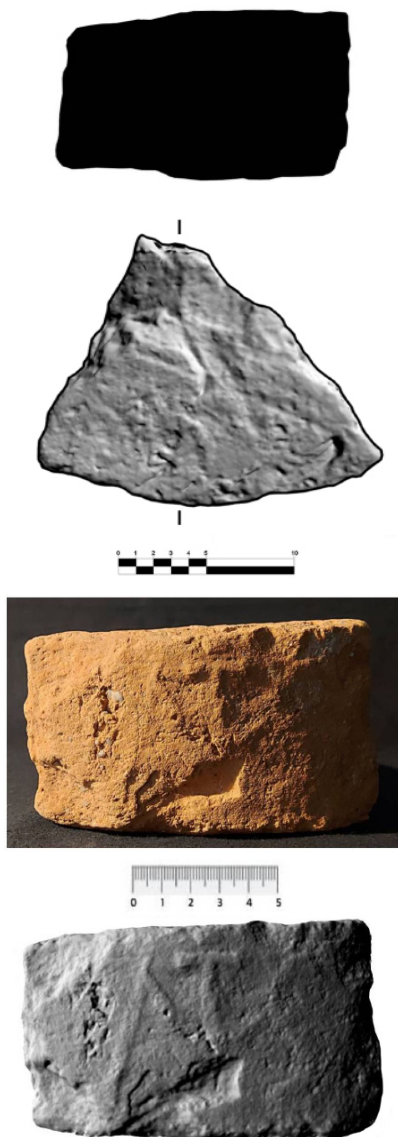


FIG. 2 - Tijolo de coluna de Ouressa: corte, face superior e marca
(fotogrametria: M. Osório; fotografia: M. Munhós).

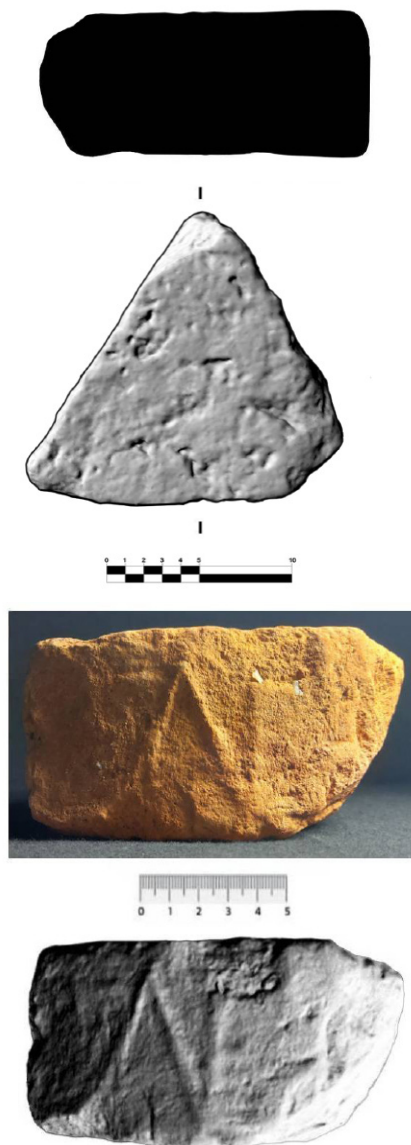


FIG. 3 - Tijolo de coluna de Ouressa: corte, face superior e marca (fotogrametria: M. Osório; fotografia: M. Munhós).

870

REVISÃO DE *CIL* II 412

Situa-se o manuscrito de Botelho Pereira intitulado *Diálogos Morais e Políticos*¹ no quadro dos encómios das maravilhas e antiguidade das cidades portuguesas vulgares na primeira metade do século XVII.

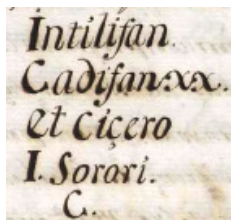
E se a importância de cada cidade se media por ter bom clima, abundância de frutos e localização excelente, a antiguidade pautava-se, de modo especial, pelos vestígios romanos, sobretudo inscrições, encontrados no seu território.

Amiúde, porém, os conhecimentos epigráficos eram nulos, os monumentos não se encontravam legíveis, de forma que as versões apresentadas estavam longe do que seria desejável. Isso acontece no referido manuscrito, onde inclusive as interpretações raíam o que, para nós, hoje, é inconcebível.

Algo, no entanto, se pode retirar de válido do que nos foi transmitido, como se nos afigura ser o caso da inscrição que Hübner viria a incorporar no seu *corpus* com o nº 412. Aliás, Hübner acolheu, nas páginas 46 e 47, todas as inscrições dadas a conhecer por Botelho Pereira. Desta não ousou propor nenhuma interpretação, apesar de, no índice (p. 1081), mencionar aí a presença do *cognomen Cicero*, embora não, na página 1201, a de *soror*.

Reproduz a figura o que Pereira apresentou (p. 98), limitando-se a comentar que poderia haver aqui a referência a um membro importante da «família dos Cíceros».

¹ Consultou-se o exemplar disponível na Biblioteca Nacional Digital: PEREIRA (Manoel Botelho), *Dialogos Moraes e Politicos sobre a Fundação da cidade de Viseu e seus Bispos*. Viseu, 1630.



Natural, pois, que – apesar de publicado por João Vaz² – o texto não haja sido incluído na *Hispania Epigraphica* e que, em ECDS 5500422, se tenha indicado a lição³

[IA[3]IIA[3] / [3]IDI Fav[3] / [3]TICER[3] / [3]oro[

Poderá entender-se ET como o que estaria visível da fórmula H S E, seguida, ou não, do voto *sit tibi terra levis* em siglas. Assim sendo, poderá propor-se:

QVINTILIANA [?] / CADI F(*ilia*) ANN(*orum*) XX (*viginti*) / [H(*ic*) S(*ita*)] E(*s*)T CICERO / I [?] SORORI / [F(*aciendum*) [?] C(*uravit*)]

Aqui jaz Quintiliana (?), filha de Cádio, de 20 anos. Cícero à irmã mandou fazer.

Fica sem explicação, de momento, o I da l. 5. De *Quintilianus* citou Abascal 8 testemunhos na *Hispania*⁴. O patronímico *Cadi* tem mais três testemunhos na região⁵; de *Cicero* indica o referido *Atlas* (p. 142) mais dois exemplos.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO*

² VAZ (João L. Inês), *A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*, Coimbra, 1997, nº 51, p. 243-244.

³ Agradeço a Manfred Clauss ter-me dado esta referência a que eu não lograra chegar.

⁴ ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Murcia, 1994, p. 479.

⁵ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 122, mapa 62.

*Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.